

TEIXEIRA DE PASCOES



Teixeira de Pascoes
agosto 19.49

Elegia da Solidão

BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

B P.

1920.

Tip. «Flor do Tamega»
Amarante.

ELEGIA DA SOLIDÃO

a Fernando Maristany

O incendio do sol-pôr exala um fumo rôxo
Que ás cousas vela a face...
A macerada flôr da solidão renasce ;
O seu perfume é fria e branda magua,
Bruma que já foi agua...
Todo sombra e luar esvoaça o môcho ;
Uma nuvem enorme, ao longe, no poente
Desvenda o coração que se deslumbra
E abraza intimamente...
O silencio a crescer, é onda que se espalha...
Sente-se vir o outomno ; é já noitinha, orvalha...
Nos êrmos pinheiraes gemem as *noitibós*
E vultos de mulher, sumidos na penumbra,
Passam cantando, além, com lagrimas na voz...



L
112628

OFERTA

821

O' tristeza do mundo em tardes outomnaes !
Longinqua dôr beijando-nos o rôsto...
Crêpusculo esfumado em intimo desgôsto,
Bôca da noite acêsa em frios ais...
Aparição soturna, vaga imagem
Do mêdo e do misterio...
Que solidão escura na paisagem !
Tem phantasmas e cruzes,
Tem ciprestes ao vento e moribundas luzes,
Como se fosse um grande cemiterio.

Olho em volta de mim, cheio de mêdo... Tudo
E' morta indiferença, espectro mudo !
E' o Verbo original arrefecido
Em fragaredos brutos convertido ;
Extinto *Fiat Lux*, cadaver que fluctua
No ceu nocturno e fundo...
As almas que partiram d'este mundo
Voltam na luz da lua.
São phantasmas em neve amortalhados,
Eternamente tristes e calados...
São sonhos esvaídos, nevoa fria,
Perfis de fumo e de melancolia...
Vagas formas de imagem illusoria
Que a lua merencoria
Molda em penumbra e cêra
Na noite transparente de chimera.

E todavia eu sinto
Um acordar de instinto,
Um palpitar de viva claridade
Em cada cousa obscura...
O aroma d'uma flôr quem sabe se é ternura?
A noite não será phantastica saudade?
A deusa que semeia estrelas no Infinito
E corôa de lagrimas divinas
A extatica tragedia das ruinas,
Toda em versos de marmore e granito?
Misteriosamente
Sobe da terra um sonho transcendente;
Emanação de mistica tristeza,
Como o fumo d'um lar
Que tem, junto do fogo, alminhas a rezar.

Mas, ai, a Natureza,
Reservada e offendida, afasta-se de nós!
E na sua mudez arrefecida
Congela a minha voz...
Um silencio mortal separa-me de tudo!
É como a sombra tragica da vida,
Vou pelo mundo além;
Enorme espectro mudo,
Monstruosa presença de ninguem!
Vivo sósinho e triste, assujeitado
Ao meu phantasma errante e desgraçado,

Em ermos de abandono ;
Ermos de Portugal,
Onde a alma do sol divaga com o outomno
N'um sempiterno idílio sepulcral.

Sou nada, e quero ser !
Quero ser tudo, e eu ! Quero viver
A vida misteriosa...
Interrogo o silencio e a noite rumorosa
De sombras e segredos...
Contemplo comovido os astros e os penedos,
E fico a ouvir as fontes n'um eterno
Queixume que ergue a voz durante o negro inverno !
Passo horas a aspirar o aroma d'uma flôr ;
Sombra que eu vejo em pétalas de côr
Esparsas, ondeantes,
Nas virgens claridades madrugantes.
E a pura sensação que me domina,
E' qual longinqua Apparição divina
Que me seduz e afaga...
E de estrela em estrela é alma que divaga...
Quantas vezes me sento á beira d'um abismo,
Sobre escarpados blócos ;
E em mim perdido scismo...
E ouço apenas cair nos tenebrosos fundos,
As lagrimas de luz que vêm dos outros mundos
E a neve do silencio em negros flócos.

Absorvo-me na noite e no misterio ;
Erro, ao luar, em êrmo cemiterio,
Sob as azas geladas do *nordeste* ;
Interrogo na vala a sombra do cipreste
Rumorosa d'um funebre desgosto,
Com gestos espectraes ás horas do sol-posto...
E n'um doido, febril deslumbramento,
Vejo-me sepultado em pensamento
E durmo, durmo, durmo a Eternidade...

Subito, acordo e volto á claridade !
São da fria cova ;
Uma sombra infantil cái d'esta imagem nova
Que sobre mim baixou do sol a arder...

Que alegria, meu Deus, tornar a ser !

E sinto um novo amor por tudo quanto existe !
Reso de joelhos vendo a tarde triste,
Pintada a sangue, em longes de pinhaes...
Vendo imagens de estrela em charcos de agua,
O oiro caído ao chão das arvores outomnaes
E as nevoas, frias tunicas de magua,
Vestindo outeiros nus...
Vendo o fumo de rusticas lareiras,
Onde ha velhas fiando em negras preguiceiras
O livido lençol que as ha de amortalhar,

E rezam n'uma voz de sombra : *amen Jesus...*
E ficam-se a scismar....
Lá fóra, ouve-se uivar phantastica alcateia
E andam Bruxas a rir...
Rangem velhinhas portas,
Treme a luz da candeia,
A cinza sobe no ar, as brazas mortas
Começam a luzir...

Eu amo tudo : os ramos comovidos
Em diáfano marmore esculpidos
E esse velhinho tronco, em flôr, que renasceu
Ao sentir a impressão azul que vem do ceu...
Com que ternura beijo a luz do dia,
Que em meus ouvidos de alma é lírica harmonia...
Tenho ocultas palavras transcendentas
Para as nuvens somnambulas, dormentes,
Para a sombra nupcial e mistica d'um lírio,
Para a afflicção da inercia escrita n'um rochedo
E para a Dôr que faz gritar um arvoredado
Em noites de delirio.

Mas este amor é grande soffrimento !
De que nos serve amar o que não ama ?
Ser dolorosa chama,
Sobre campos de neve, errando, ao vento ?
Andar a perseguir um Anjo fugitivo !

Entre turbas de mortos não ser mais
Do que um espectro vivo ?
Ser doido cataclismo !
Ser desprendida folha,
Entregue aos vendavaes,
A voar, a voar em negros vôos afflictos !
Olhar seu proprio sêr como quem olha
O fundo d'um abysmo !
E querendo esconder nas sombras o seu rôsto,
Para chorar tão intimo desgosto,
Ter de invocar a noite em altos gritos !

Ó meu vulto perdido em trevas misteriosas !
Cégo, a bater de encontro ás brutas cousas,
Coberto de feridas, a sangrar...
Sou como a sombra em lagrimas do mar ;
Nuvem desfeita em chuva ;
Um enorme phantasma de viuva
A rezar e a chorar na solidão sem fim !
Noite de horror sempre abraçada a mim !
O' noite, onde ha soluços e estertores
E procissões infindas de clamores...
Multidões de phantasticas mulheres,
A cantar, a cantar sinistros *misérères*...
Sombras que o vento leva...
Doidos perfis de fogo a rir na treva
Que nos desvenda as lividas entranhas,

Com nuvens e contornos de montanhas,
Com arvores agitadas de anciedades,
Com desgrenhadas, intimas saudades
E tragicos desejos que arrefecem,
Soes que n'um mar de sangue desfalecem !

Sou a noite em que o mundo se consome :
As cousas mais humildes e sem nome,
As estrelas, os Deuses, tudo quanto
Se amortalha na sombra do meu canto
Que chora a sua eterna imperfeição !
Sou tempestade, noite, solidão,
O frio esquecimento,
A sombra do luar bailando com o vento,
Um gemido de nevoa, uma ternura, um ai,
Phantasma d'uma lagrima que cáe.

O' triste solidão que me rodeia !
O' minha amada e pequenina aldeia !
O' aves a cantar para ninguem !
Flôres que o inverno emurchece,
Mãos erguidas na tarde que arrefece,
Implorando o silencio, a noite, as cousas mortas
E os ventos de terror batendo ás portas,
Sem destino, a correr por esse mundo além !
Almas crucificadas de abandono
Entregues a uma eterna viuvez,

Transparentes de fina palidez,
Rezando ao Deus da Morte as orações do outomno...
E tu, meu coração amante que palpitas
Nas trevas infinitas !
E ardes n'uma fogueira desvairada
E doido te consumes para nada !
Caio por terra morto de cançasso,
A propria terra foge ao meu abraço !
Foge de mim tambem meu proprio sêr,
Vulto de cinza e poeira...
Homens, nem mesmo a dôr é verdadeira !
Sou ilusoria imagem a soffrer
A tragica mentira que a formou !
E pelo mundo vou
Na êrma escuridão, chorando afflicto,
Como creança perdida no Infinito,
Entre soturnos Deuses fabulosos
E mundos de terror vertiginosos...

O alto sete-estrela !
Sol velhinho com brancas no cabelo !
Silencio emudecendo a musica dos ninhos !
Loucura que ergue o mar em ondas e soluços
E, exausto, sobre a praia, o faz cair de bruços !
O' pinheiraes sósinhos !
O' tragedias de fraga e terra ! O' êrmos montes !
Calvarios a sangrar !

Corações de mulher desfeitos em luar !
Martirisadas fontes !
Medonhos arvoredos !
Chimericos penedos !
Lobos uivando a magua que os consome
A' lua que prateia a serra fragarosa...
Magros vultos de pêlo arripiado
Com um sinistro olhar incendiado ;
Ferozes esqueletos que têm fome...
Aparições da Plebe tenebrosa ;
Odios vivos, relampagos de dôr ;
Archotes acendidos,
Na noite da desgraça transmitidos,
De mão em mão, com tragico furor !

Lobos famintos, doidos e profetas !
Leões cheios de sombra e de melancolia !
Feras que devoraes por simpatia,
Bramindo, como cantam os poetas !
Meu sonho é comungar a Natureza ;
Paisagens de alegria e de tristeza,
Desertos ao luar, visões de outrora,
Nuvens relampejando...
O silencio nocturno, a musica da aurora
Em notas de oiro voando...
Quero sentir o amor, o soffrimento
Que apaga a luz do sol e faz gritar o vento

E sufoca de lagrimas as fontes
Na solidão dos montes...
Quero sentir o vago, o indefinido
D'um astro a palpitar nas ondas reflectido.
Quero ser a ilusão, a nuvem, a chimera,
A divina alegria, a virgem Primavera
Que nos desenha, além, n'um fundo escuro e frio,
Doirada porta em flor aberta sobre o estio...
Quero brilhar na luz e crepitar
No fogo, e me perder em fumo pelo ar !
Quero tecer os caules verdejantes
E ser em rosa murcha orvalhos scintilantes.
Quero abranger o mundo
E o claro ceu profundo ;
E ter nos olhos meus
As estrelas e as lagrimas de Deus,
E em meus braços o gesto de carinho
Que tem um ramo em flôr,
Quando ampara e protege com amor
Uma avesinha dentro do seu ninho...

(Da terceira Fala
do «Jesus e Pan»)

FIM.

300 RÉIS

BNP



EFG0000796819

BNP

L. 11262